



A TEORIA DOS DIAS BRANCOS CONTRA O CICLO SEMANAL



Por M. E. LOEWEN

ex-director do Departamento de Liberdade Religiosa da Conferência Geral

JÁ SE TÊM FEITO centenas de planos para melhorar o calendário actual, mas é interessante verificar que esses planos nunca são no sentido de corrigir quaisquer inexactidões astronómicas que existam no Calendário Gregoriano. O objectivo consiste sempre em torná-lo mais cómodo para actividades comerciais e para a fixação de datas.

Não levantamos qualquer objecção a que o calendário seja revisto, mas a questão é que mais de 90 por cento das sugestões propostas incluem o que se chama um «dia branco». Este dia extra tem de ficar de fora do ciclo semanal, de maneira a permitir que as datas de cada ano coincidam sempre

no mesmo dia da semana. Pondo o problema de outro modo, cada ano teria uma semana de oito dias e, no caso de ser bissexto, duas dessas semanas.

Um plano deste género quebra a sequência histórica da semana. Esta não depende dos movimentos do Sol ou da Lua. A semana foi estabelecida na Criação e manteve a mesma sequência ininterrupta até aos nossos dias. Quebrar o ciclo semanal traria confusão ao mundo religioso e as complicações e problemas que surgiriam não seriam compensados pelas ambicionadas vantagens de um calendário com dias brancos.

(Continua na página 6)

"estai vós apercebidos"

CERIMÓNIA ORTODOXA RUSSA NA BASÍLICA DE S. PEDRO

CIDADE DO VATICANO — Num notável gesto ecuménico, o Papa Paulo VI autorizou a celebração dum serviço litúrgico eucarístico da Igreja Ortodoxa Russa junto do túmulo de S. Pedro, na cripta da Basílica com o nome daquele apóstolo, em Roma.

O serviço litúrgico, que teve lugar na manhã do dia 5 de Julho, foi presidido pelo Metropolitano Nikodim, de Leninegrado e Novgorod, assistido pelo Bispo Mikhail, de Astraghan e quatro sacerdotes ortodoxos russos.

O Papa concedeu a autorização para aquele serviço numa audiência com o Metropolitano Nikodim e outros membros da delegação da Igreja Ortodoxa Russa da União Soviética. Estiveram também presentes durante a audiência membros duma delegação de alto nível da Igreja Católica Romana. As duas delegações tinham terminado um ciclo de discussões teológicas em Trento, cidade do Norte da Itália.

POSSÍVEL UNIÃO DA IGREJA ANGLICANA COM A CATÓLICA ANTES DO FIM DO SÉCULO

MILWAUKEE — O anterior Arcebispo de Cantuária, agora aposentado, prediz que a Comunhão Anglicana e a Igreja Católica Romana se unirão antes do fim deste século.

A união, de acordo com o Dr. Michael A. Ramsey, significará completa comunhão de sacramentos entre os membros de ambas as Igrejas, preservando-se no entanto as diferentes identidades e costumes.

A «noz mais dura de partir» nesta busca de unidade é o ensino católico sobre a infalibilidade papal, disse ele numa entrevista nesta cidade.

O Dr. Ramsey, de 70 anos, num discurso feito em Wisconsin para o Seminário Nashotah House, disse que tem a esperança de que a doutrina da infalibilidade papal venha a ser substituída pela ideia de ser o Papa uma cabeça titular e um porta-voz, semelhante à função do Arcebispo de Cantuária na Igreja de Inglaterra.

O arcebispo advoga há muito tempo a unidade entre anglicanos e católicos, bem como entre anglicanos e outras Igrejas saídas da Reforma Protestante.

VALDENSES E METODISTAS ASSINAM INTEGRAÇÃO

ROMA — As Igrejas Valdense e Evangélica Metodista da Itália deram mais um passo no caminho da união. Numa recente sessão conjunta das duas denominações, foi ratificado um novo Pacto de Integração.

Ao abrigo do acordo, que havia sido preparado por uma comissão especial do Sínodo Valdense e pela Conferência Metodista, as duas Igrejas não perderão a autonomia, mas partilharão entre si idênticas subdivisões em circuitos e distritos regionais.

O pacto expressa a esperança de que «num prazo de quatro anos» haverá «completa unificação» das duas Igrejas, «simbolizada pela constituição de um único sínodo.»

A Igreja Valdense, de teologia presbiteriana, teve origem no século XII como um movimento dentro da Igreja Católica e tornou-se protestante no século XVI. Os valdenses italianos são cerca de 30 000.

CONGRESSO DE FEITIÇARIA REALIZADO EM BOGOTÁ

BOGOTÁ — Milhares de pessoas estiveram reunidas nesta cidade em Agosto passado, para o que foi chamado o Primeiro Congresso Mundial de Feitiçaria.

O tema dos colóquios, que duraram quatro dias e atraíram ocultistas, feitiçeiros, médiuns e alguns cientistas, foi um «Apelo ao amor, à paz e à fé.»

Cerca de 2000 pessoas pagaram a sua inscrição para participar em 40 cursos dirigidos por especialistas em ocultismo e por parapsicologistas.

Entre os cientistas presentes, esteve a Dr.^a Thelma Moss, psicóloga do Instituto de Neuropsiquiatria da Universidade da Califórnia.

Muitos outros milhares de pessoas — não inscritas nos cursos — assistiram às sessões gerais do congresso e consultaram quiromantes, astrólogos e outros indivíduos que ofereciam os seus serviços numa exposição organizada simultaneamente.

Notícias provenientes do *Religious News Service*, traduzidas de *Ministry*.

SUMÁRIO

A Teoria dos Dias Brancos contra o Ciclo Semanal
«Estai vós apercebidos»
Página Editorial — Os Nossos Problemas
«... em União.»
Série Reformista — Efemérides Rádio Adventista Mundial
História do Mês — Sombras
Actividades M.V. para 1976
Liberdade Religiosa
Missão Inyazura — Projecto do Próximo Décimo Terceiro Sábado
Tem a Palavra o Leitor — Apelo Fervoroso — Coisas (que se ouvem)
A Excelência do Amor (poesia)
Notícias do Campo
Caixa de Perguntas — Consubstanciação e Transubstanciação
Breves Notícias do Mundo Adventista

revista
adventista

ORÇÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

MARÇO DE 1976

ANO XXXVII

N.º 354

Director: ANTÓNIO SIMÕES LOPES BAIÃO

Administrador:
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
S A C A V É M

Composto e impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1 - C — Lisboa

Preços:

Assinatura Anual:	50\$00
Número avulso	5\$00
Estrangeiro	70\$00

OS NOSSOS PROBLEMAS

Há alguns anos, fui visitar um grupo de irmãos no interior do Mato Grosso. Quando ali cheguei era dia de festa. Havia grande movimento porque algumas famílias se tinham reunido para fabricar o melado e a rapadura para consumo durante todo o ano.

A agitação era intensa e contagiante. Passávamos ali horas agradáveis, apreciando e ajudando também a mexer o grande tacho de melado que borbulhava em cima do fogo como lavas de um vulcão.

Enquanto uns traziam a cana, numa velha carroça desconjuntada, outros se encarregavam de limpá-la e empilhá-la ao lado do engenho. Um irmão idoso chicoteava o burrinho que humildemente andava moendo, dando voltas e mais voltas, como Sansão no cárcere.

As mulheres cantarolavam os nossos hinos, espalhando o melado sobre as formas dispostas numa grande mesa de madeira, enquanto outras se encarregavam de preparar o rancho para toda a turma. Algumas moças lavavam louças e panelas numa bica próxima. A dona da casa, corpulenta, suando por todos os poros, era a mestra que indicava quando o melado estava no ponto. Brandindo uma enorme colher de pau, em pé, ao lado do tacho, expedia ordens em alta voz, ciosa da sua responsabilidade, como um general no comando de um exército.

A minha atenção foi despertada por dois fortes rapagões que passavam a cana no engenho. Primeiro, pelo belo aspecto físico invulgar de ambos, e depois pela espécie de trabalho que realizavam. Um deles, com agilidade e precisão, enfiava a cana na moenda, e o outro, do lado oposto, recolhia o bagaço que ia empilhando entre dois paus fincados no chão. Quando a pilha enchia até a cima o espaço que havia entre os dois paus, o jovem sobraçava todo aquele restolho e atirava-o para o companheiro que voltava a enfiá-lo na moenda, para mais uma vez ser recolhido, devolvido e passado de novo, pois não queriam perder nem uma gota do precioso caldo.

Ao assistir àquele trabalho, comecei a pensar na maneira como agimos com os nossos problemas e compreendi nitidamente que, tal como os jovens faziam com a cana, fazemos

nós com as nossas dificuldades e inquietações. Passamo-las pela moenda da nossa cabeça uma, duas, três e até uma dezena de vezes. Continuamente estamos moendo os bagaços do nosso passado, juntamente com as apreensões do futuro.

De um modo geral, sofremos três vezes um mesmo sofrimento. Sofremo-lo por antecipação, preocupados e aflitos com o que pode vir. Sofremo-lo quando ele chega, afinal, e já nos encontra gastos e sem forças para enfrentá-lo, pois as energias foram quase todas empregadas antes de tempo. E sofremo-lo ainda depois de ter passado, num saudosismo doentio, cheio de tristes recordações, que marcam as nossas conversas e afugentam os nossos amigos que se cansam de assistir ao triste espectáculo do nosso engenho moendo, moendo, sem parar...

Ao ver aqueles jovens procurando extrair a última gota daquela cana espremida e reespremida, tomei uma resolução que muito me tem ajudado a enfrentar os múltiplos problemas que surgem a cada passo na vida de todos nós:

Não sofrerei o meu sofrimento mais do que uma vez! Não farei do meu coração, do meu cérebro, um engenho que passe o tempo a moer bagaços. Sofrerei o meu sofrimento uma vez só, no momento exacto, quando ele chegar, e despedi-lo-ei quanto antes possível, sem sequer olhar para trás. A preocupação, tal como a recordação pessimista do que já passou, é um pecado. Não andeis cuidadosos pelo dia de amanhã, diz o Mestre. Basta a cada dia o seu mal.

É preferível perder, quem sabe, muitos litros de garapa, a ficar moendo e moendo o futuro e o passado, num desejo insano de extrair-lhes a última gota.

Dizem os filósofos que noventa por cento das desgraças que tememos nunca se concretizam e o passado nunca mais poderá ser consertado. Sejamos, pois, sábios e inteligentes. Não gastemos as nossas energias moendo bagaços. O dia de amanhã cuidará de si mesmo.

B. Raymundo

«...EM UNIÃO.»

(Salmo 133:1)

Pastor ANTONIO BUENO
Presidente da
Federação Italiana

Aproximam-se momentos importantes para a vida do povo adventista nos três maiores campos da União Sul-Europeia: Portugal, Espanha e Itália celebrarão este ano as suas assembleias administrativas trienais.

Desde os tempos de Israel, as assembleias do povo de Deus têm revestido sempre um carácter de grande solenidade, mas nesta ocasião há alguma coisa que torna o acontecimento especialmente importante e solene: Desde o primeiro de Janeiro deste ano, foi alterado o estatuto destes três campos; já não é um estatuto de Missão, mas sim de Associação ou Federação (em inglês «Conference»), e isto equivale à maioria. Portanto, e pela primeira vez na sua história, cada um destes campos assumirá uma plena responsabilidade nas resoluções da sua assembleia e poderá eleger todos os seus dirigentes locais sem nenhuma excepção.

A infância e a adolescência ficaram para trás. Nestas assembleias começará praticamente a idade adulta do nosso movimento nestes três países e isto significa maturidade e responsabilidade. Começa um novo período e seria justo começar também uma nova contagem, chamando a esta a PRIMEIRA assembleia da Associação.

É necessário preparar o nosso povo para este solene passo em frente nesta magna convocação e penso que, para isso, a primeira coisa a ter em consideração será explicar claramente a todos em que consiste uma Assembleia Administrativa a nível de Associação. Há dez palavras que podem constituir a síntese do programa de uma assembleia. São as seguintes: **Unidade, Gozo, Crescimento, Análise, Reflexão, Planificação, Ordem, Verificação, Eleição e Consagração.** Detenhamo-nos brevemente em cada uma delas:

I. UNIDADE. «Para que sejam um ...» (João 17:11)

Estas reuniões promovem e estimulam a unidade do povo de Deus. Todos os participantes, que representam a totalidade das igrejas, enquanto oram juntos e enquanto juntos estudam e planificam a marcha da Obra, conseguem sentir-se mais unidos entre si e mais identificados com a Igreja mundial. Os regionalismos desaparecem para dar lugar a uma visão mais ampla da obra que se está realizando em todo o mundo com um único propósito: preparar um povo para o Reino dos Céus.

II. GOZO. «... Vamos à casa do Senhor.» (Salmo 122:1)

Como é alegre o encontro com todos os irmãos procedentes das outras igrejas do nosso campo! Muitos poderão regozijar-se por voltar a ver o pastor que os instruiu, baptizou ou casou, ou encontrando novamente o irmão ou a irmã que os levou a Jesus. Velhos amigos podem voltar a abraçar-se e novos laços de amizade se estabelecem com novos conhecimentos. Quando terminam as assembleias, é frequente ouvir frases de despedida de belo e comovedor significado: «Até à próxima assembleia, ou ... até à Nova Jerusalém!»

III. CRESCIMENTO. «... alonga as tuas cordas ...» (Isaías 54:2)

Um momento especialmente grato no programa de abertura é o da admissão das novas igrejas que se constituíram durante o triénio precedente. Depois de ouvido o relatório que explica como nasceu cada uma delas, os delegados votam com satisfação a integração dessas novas igrejas na lista oficial das igrejas do campo que constituem a Associação. Os delegados correspondentes às mesmas são igualmente admitidos com pleno direito a falar e a votar na assembleia.

As vezes pode dar-se o caso doloroso de ter que registar-se o desaparecimento duma igreja, dissolvida por perda de membros ou por acção disciplinar, mas felizmente tais casos são muito raros.

IV. ANÁLISE. «Até aqui nos ajudou o Senhor.» (I Sam. 7:12)

É justo proclamar a bondade do Senhor e não esquecer nenhum dos benefícios que concedeu ao nosso povo. Para honra e glória de Deus e para conhecimento dos delegados, o Presidente, o Tesoureiro e os Directores de Instituições e Departamentos apresentam sucessivamente os seus relatórios à assembleia, explicando a marcha e os progressos da Obra durante o triénio que termina. Os dados fundamentais desses relatórios são reunidos num voto de gratidão ao Senhor que é normalmente apresentado imediatamente antes do encerramento.

V. REFLEXÃO. «Aplicai os vossos corações aos vossos caminhos.»
(Ageu 1:7)

As horas devocionais e as mensagens espirituais apresentadas por oradores escolhidos, oferecem aos delegados e visitantes a oportunidade de meditar e de fazer uma autocrítica sincera, para descobrir coisas que constituem um lastro na vida pessoal e colectiva e que impedem um progresso mais rápido da Obra de Deus. Devemos estar contentes pelo que Deus tem feito por nós, mas talvez não possamos estar tão contentes por aquilo que temos feito por Ele.

VI. PLANIFICAÇÃO. «... prossigo para o alvo ...»
(Fil. 3:14)

A Comissão de Planos e Resoluções recebe uma agenda onde figuram as sugestões enviadas pelos membros leigos e por intermédio dos pastores e onde também aparecem os programas apresentados pelos dirigentes dos departamentos e instituições. Tudo isso é cuidadosamente estudado e finalmente aprovado, modificado ou rejeitado. Os acordos desta Comissão são apresentados à assembleia sob a forma de recomendações para a planificação de actividades durante o triénio seguinte.

VII. ORDEM. «... decentemente e com ordem.»
(I Cor. 14:40)

Para salvaguardar uma ordem justa e eliminar toda a possível arbitrariedade, os princípios gerais que governam cada associação estão registados nos seus estatutos aprovados pela assembleia local e pelos organismos superiores. Estes estatutos não constituem regras estáticas e inamovíveis, mas regras dinâmicas e portanto susceptíveis de modificações ajustáveis ao crescimento do campo e às novas circunstâncias. A Comissão dos Estatutos reúne-se durante as assembleias para revisar os estatutos e propor as oportunas modificações que sejam necessárias.

VIII. VERIFICAÇÃO. «... evangelistas ... pastores e doutores.»
(Efés. 4:11)

Outro importante aspecto do trabalho realizado durante as assembleias consiste na verificação das credenciais ministeriais e missionárias já existentes e na concessão de outras novas. A Comissão de Credenciais examina a folha de serviços de todo o pessoal empregado nos diversos sectores da Obra e propõe à assembleia plenária a renovação, modificação ou retirada das credenciais existentes e a concessão das novas. Tem especial importância e interesse a recomendação que esta Comissão pode fazer para que alguns pregadores de demonstrada vocação e capacidade recebam a consagração pastoral. Uma das cerimónias mais emocionantes e solenes da assembleia é a da consagração dos novos pastores, que normalmente se efectua durante a tarde do sábado.

IX. ELEIÇÃO. «Apartai-me Barnabé e Saulo ...»
(Actos 13:2)

Todas as comissões que funcionam durante uma assembleia realizam um trabalho de máxima importância, porém a que mais atrai a atenção de todos os participantes é a Comissão de Nomeações. Cabe-lhe a difícil tarefa de escolher e propor os homens consagrados e capazes que, durante o triénio seguinte, levarão sobre os ombros os cargos mais pesados da direcção da Obra no campo, ou seja: o Presidente, o Secretário-Tesoureiro, os Directores de Departamentos e os componentes do Conselho da Associação.

X. CONSAGRAÇÃO. «Se o Senhor não edificar a casa ...»
(Salmo 127:1, 2)

Finalmente diremos que a Assembleia nos oferece a oportunidade para uma solene consagração dos nossos bens, dos nossos lares, das nossas igrejas, das nossas instituições e das nossas vidas. A fraternidade cristã durante as reuniões, a visão da mão de Deus nos progressos realizados, as experiências animadoras, a maneira ordenada, séria e responsável como as comissões trabalham, a unidade de propósito e de doutrina, as mensagens espirituais de cada dia e a grande festa de encerramento no sábado em que termina a Assembleia, tudo isso constitui um apelo do Céu para uma vida cristã mais intensa e fervorosa, um convite para pôr todas as coisas sobre o altar de Deus.

Oferece um interesse especial a GRANDE OFERTA DE CONSAGRAÇÃO que se recolhe na hora do culto do sábado. Está-se generalizando cada vez mais o bom costume de cada pessoa se preparar para esta oferta durante o triénio, fazendo «uma economia para o Senhor», e é comovedor ver irmãos e irmãs humildes que entregam alegremente para o progresso da Causa o dinheiro que foram consagrando a Deus durante meses e meses para esta ocasião.

As instruções dadas por Deus a Israel a este respeito continuam a ter todo o seu valor para nós que gostamos de ser chamados o Israel Espiritual: «Não aparecerá vazio perante o Senhor ...» (Deut. 16:16, 17).

O nosso povo crê nas palavras de Jesus: «Onde estiver o vosso tesouro, ali estará, também, o vosso coração.» (Luc. 12:34). E quer mostrar ao Senhor, com as suas ofertas sinceras, o sincero amor dos seus corações.

Que a bênção de Deus repouse sobre os Seus filhos, portugueses, espanhóis e italianos, nas próximas assembleias destes três campos. Que Ele nos guie para nos **unirmos** na fé e no amor, para **gozarmos** na fraternidade, para **crescermos** em graça e em número, para **analisarmos** e reconhecermos as Suas bênçãos, para **meditarmos** nos nossos caminhos, para **planificarmos** com sabedoria, para procedermos com **ordem**, para **verificarmos** a qualidade do nosso serviço, para **elegermos** os melhores e para **consagrarmos** tudo o que temos e somos ao serviço do Deus do Céu e do Seu Reino Eterno.

A TEORIA DOS DIAS CONTRA

M. E. LOEWEN

(Continuação da primeira página)

No entanto, alguns dos que advogam o princípio do «dia branco» numa reforma do calendário justificam a sua posição afirmando que o antigo Calendário Judaico tinha dias brancos. Esta teoria baseia-se em investigações feitas por uma equipa formada por marido e mulher, o casal Julius e Hildegard Lewy. As conclusões a que chegaram foram publicadas na edição 1942-1943 do **Hebrew Union College Annual**. A teoria foi divulgada pelo Dr. Rabbi Julian Morgenstern, antigo presidente do Hebrew Union College de Cincinnati, Ohio (Estados Unidos). Por sua vez, a senhora Achelis, ex-presidente do World Calendar Association (Associação Mundial do Calendário), aceitou avidamente esta teoria, que se resume no chamado Calendário Pentecontad. Acredita ela que a teoria deita por terra os argumentos daqueles que mantêm a ideia de que o ciclo semanal nunca tenha sido quebrado desde a Criação até ao presente. Declara que, dado terem existido dias brancos na era pré-cristã, de acordo com o Calendário Pentecontad, não pode haver hoje qualquer objecção contra um dia branco.

O que é o Calendário Pentecontad? Havia dias brancos no Calendário Hebraico? O texto usado como base desta teoria é Levítico 23:15, 16: «Depois, para vós contareis desde o dia seguinte ao sábado, desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida; sete semanas inteiras serão. Até ao dia seguinte ao sétimo sábado, contareis cinquenta dias; então oferecereis nova oferta de manjares ao Senhor.»

Como se Constrói uma Teoria

A partir destes versículos e do estudo de lendas e hábitos antigos, os Lewys criaram a teoria de que o antigo calendário hebraico dividiria o ano em sete períodos de cinquenta dias cada, isto é, sete semanas, no total de quarenta e nove dias, mais um dia que não seria incluído na semana. Este dia seria transformado na festa de encerramento daquele pentecontad. Os sete períodos de cinquenta dias fariam um total de 350 dias. Além disso haveria duas festas de sete dias, uma depois do quarto pentecontad e a outra no fim de cada ano. Isto daria 364 dias. O Dia de Ano Novo estaria também fora do ciclo da semana e completaria o total de 365 dias. Tal esquema arranja, por ano, oito dias brancos.

Trata-se de autêntica fantasia, sem qualquer base lógica nas Escrituras.

É preciso uma grande dose de especulação, mais uma imaginação desenfreada, para se extrair tal coisa do texto citado. A equipa Lewy investigou em pormenor lendas e mitos antigos e o relato do Dilúvio, e tirou conclusões de modo a apoiarem a sua tese. A história ficou com falhas que eles trataram de preencher, estabelecendo inferências favoráveis à sua teoria.

É possível que o principal erro dos patrocinadores do Calendário Pentecontad, citando Levítico 23:15, 16, seja o de relacionar a palavra **sábado** nesta passagem com o dia de repouso semanal, o Sábado do quarto mandamento. Interpretam o versículo 16 da maneira seguinte: «O quadragésimo nono dia era o sétimo Sábado depois da Festa dos Pães Asmos, que se realizava num Sábado de sétimo dia normal. O quinquagésimo dia era Pentecostes, um Sábado extra que se inseria como dia fora da semana regular.»

Mas no Velho Testamento a palavra hebraica para **sábado** não se aplica exclusivamente ao sétimo dia da semana. Pode-se aplicar até a um ano completo, como no seguinte texto: «Seis anos semearás a tua terra, seis anos podarás a tua vinha, e colherás a sua novidade; porém, ao sétimo ano, haverá sábado de descanso para a terra, um sábado ao Senhor» (Lev. 25:3, 4).

Igualmente, o Dia da Expição, que pode calhar em qualquer dia da semana, se designa como um «sábado de descanso» (Lev. 23:32; comparar com o vers. 3, onde o Sábado semanal está indicado como sendo «o sábado do descanso»).

Um estudo dos dias santos ordenados em Levítico 23 ajudará a compreender os versículos 15 e 16. A primeira festa é a Páscoa (vers. 4, 5), que teve origem no tempo do Êxodo. Devemos recuar até ao registo da dramática libertação do Egipto para compreendermos as datas estabelecidas para a Páscoa.

O capítulo 12 do livro do Êxodo indica a época em que esta devia ser celebrada e a maneira como isso devia ser feito, no primeiro mês do ano. «Este mês vos será o primeiro dos meses: este vos será o primeiro dos meses do ano» (vers. 2).

Pormenores da Cerimónia da Páscoa

O primeiro mês do ano religioso era Abib (ver Deut. 16:1). O início deste mês marcava-se com a lua nova, correspondendo ao nosso Março ou Abril, podendo deste modo calhar em qualquer dia da semana. Isto significa que as festas e os sábados

BRANCOS O CICLO SEMANAL

anuais marcados para dias específicos de cada mês no calendário religioso podiam calhar em qualquer dia da semana.

A preparação e a celebração da Páscoa faziam-se do dia dez ao dia vinte e um de Abib. No dia dez devia-se escolher o cordeiro da Páscoa (Êxo. 12:3); no dia catorze esse cordeiro era morto (vers. 6).

O décimo quinto dia era o primeiro da Festa dos Pães Asmos, em que havia uma «santa convocação» e em que «nenhuma obra» se devia fazer. Tratava-se de um sábado cerimonial e calhava em dias diferentes da semana. No sétimo dia da festa havia igualmente uma «santa convocação» (vers. 16). Tudo isto está claramente indicado em Levítico 23:4-8: «Estas são as solenidades do Senhor, as santas convocações, que convocareis no seu tempo determinado: no mês primeiro, aos catorze do mês, pela tarde, é a páscoa do Senhor. E aos quinze dias deste mês, é a festa dos asmos do Senhor; sete dias comereis asmos. ... Mas sete dias oferecereis oferta queimada ao Senhor; ao sétimo dia, haverá santa convocação; nenhuma obra servil fareis.»

O crente era instruído a oferecer um molho das primeiras novidades do seu campo no dia a seguir à Páscoa, ou seja a 16 de Abib. «E ele moverá o molho perante o Senhor, para que sejais aceitos; ao seguinte dia do sábado o moverá o sacerdote» (Lev. 23:11). Este não era o Sábado do sétimo dia do quarto mandamento, mas sim o primeiro sábado da festa, o 15 de Abib. O sétimo dia da festa, qualquer que fosse o dia da semana em que viesse a calhar, era igualmente um sábado cerimonial. Isto quer dizer que haveria frequentemente três dias de descanso durante esta celebração da Páscoa: o primeiro dia, o sétimo dia e também o Sábado semanal regular.

Vejamos agora os versículos em questão, 15 e 16 de Levítico 23: «Depois, para vós contareis desde o dia seguinte ao sábado, desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida; sete semanas inteiras serão. Até ao dia seguinte ao sétimo sábado, contareis cinquenta dias; então oferecereis nova oferta de manjares ao Senhor.»

O texto trata de sete semanas completas que deveriam decorrer e não propriamente de sete sábados semanais, como é alegado, mas sete semanas de dias ou quarenta e nove dias completos. O dia seguinte ao quadragésimo nono, o quinquagésimo dia, seria outro dia especial, o chamado Pentecostes, qualquer que fosse o dia da semana em que viesse a calhar. Não há nenhuma indicação de que fosse quebrado o ciclo semanal. A numeração dos dias da semana era independente da numeração dos dias das festas e continuava sem interrupção através dos anos.

O Verdadeiro Motivo

Recorrendo à Sagrada Escritura para apoiar a ideia de um ciclo semanal interrompido, os partidários do calendário com dias brancos esperam silenciar as objecções religiosas e, embora torçam as citações bíblicas em que se baseiam, os seus argumentos não-de impressionar muitas pessoas.

Dado que muita gente aceita de boa-fé qualquer argumento tirado da Bíblia, sem o investigar, será difícil evitar o efeito das declarações avançadas pela teoria do Pentecostad. Muitos homens de negócio, políticos e cientistas, não quererão ocupar o seu tempo a examinar a cronologia bíblica das festas religiosas do Velho Testamento. As vantagens práticas de datas fixas e de trimestres iguais têm muito mais hipóteses de prender a atenção desses homens.

Não se deve depreciar os motivos que levam algumas pessoas a trabalhar por uma mudança do calendário. Tais pessoas podem ser sinceras, no entanto não vêem razão para se dar demasiada importância às objecções levantadas por motivos religiosos. Muitas delas nem acreditam na inspiração divina das Escrituras e, por outro lado, estão desejosas de conseguir pôr à disposição de todos os benefícios materiais de um calendário modificado. Mas podemos ter a certeza de que Satanás se deleitaria com o estabelecimento de um calendário que tornasse possível esquecer o Sábado do sétimo dia. Se o sinal do poder criador e redentor de Deus puder ser obscurecido por um ciclo semanal variável, Satanás considerará ter alcançado uma grande vitória na sua guerra contra Cristo.

Caso fosse adoptado um calendário com dias brancos, cumprir-se-iam as palavras de Satanás registadas no livro **Profetas e Reis**, páginas 183, 184: «Eu atravessarei os propósitos de Deus. Capacitarei os meus seguidores a porem de lado o memorial de Deus, o sábado do sétimo dia. Assim mostrarei ao mundo que o dia abençoado e santificado por Deus foi mudado. Este dia não perdurará na mente do povo. Apagarei a lembrança dele.»

A mente do povo está agora preparada para falsificar o calendário.

A Organização Internacional de Normalização de Genebra está a fazer esforços no sentido de conseguir que todas as nações numerem os dias da semana de maneira diferente, chamando à segunda-feira o primeiro dia e ao domingo o sétimo. Isto ainda não quebrará o ciclo semanal, mas ninguém tem dúvidas de que preparará o público para outras futuras modificações no calendário.

EFEMÉRIDES

Segundo artigo da série que começou a ser publicada no mês passado. Os importantes testemunhos de pessoas que já pertenceram aos chamados «movimentos de reforma» destinam-se a ajudar todos aqueles que porventura estejam confusos sobre de que lado se encontra a verdade.

A nossa data simpática, promissora, donairoso, é aquela de 132 anos atrás — 1844. Ao mesmo tempo em que é simpática e risonha, pelo ressurgimento da esperança máxima para toda a humanidade através dos pioneiros do Adventismo, é também uma data séria. Séria de mais.

Tão séria e pejada de consequências eternas é a data natalícia do Movimento Adventista que o arqui-inimigo da Segunda Vinda de Cristo em Glória e Majestade, depois de diversas tentativas frustradas logrou, finalmente, inspirar mentes não firmes ⁽¹⁾ a criarem contrafacções.

Setenta anos depois daquela data radiosa surgiu o decantado ano de 1915, quando um grupo de pessoas insatisfeitas e com pretensões e desejos ocultos, teve a ilusão de vir a ocupar o lugar de liderança, como igreja da profecia ⁽²⁾.

Com toda a sua carga máxima de pretensão e falsidade, os «pioneiros» desse «movimento» transmitiram a seus pósteros, nestes últimos 60 anos, dois pretensos pontos de apoio à sua arrogante existência «profética». O primeiro fulcro teria, sem dúvida, que ser a nossa data — 1844 — e o segundo, a data própria deles — 1914.

Mas o mesmo inimigo de todo o bem ⁽³⁾ tratou de confundir os próprios arraiais da jactância trazendo a lume, no dia VINTE DE MAIO, mais um ano que passou inexoravelmente para os anais do «novo movimento». Foi no ano de 1951. Com a cisão na Holanda, na data supra mencionada, o «novo movimento» passou a ter uma letra «s» no final do adjetivo «novo» e no do substantivo «movimento».

O curioso é que de VINTE DE MAIO DE 1951 para cá as duas facções litigantes entre si continuaram ambas a basear-se em dois fulcros «comuns», a saber: 1844 e 1914. Próceres de cada uma das facções reivindicam as honras de «adventistas», agarrando-se ferrenhamente à primeira data (1844), que é nossa ⁽⁴⁾. Como corifeus do «reformismo» ufam-se também da segunda (1914), mas repelem a última (1951).

O articulista sabe, por experiência de depoimentos anteriormente publicados, que entre os nossos irmãos adventistas poucos entenderão bem esta gincana de datas. Mas não importa. O importante é que aqui está apenas uma amostra da confusão

que a «reforma de 1914» trouxe há 60 anos, balbúrdia essa que aumentou ainda mais há exactamente 25 anos na Holanda, com a primeira e mais famosa das suas divisões visíveis. O que importa ainda é que os paladinos daquelas seitas «anti-igreja grande» entendem muito bem (e como entendem!) as anfractuosidades necessariamente presentes nesta crónica e em outras da nossa pena.

Todavia, o que interessa, acima de tudo, é o seguinte: 1844 é data nossa; 1914 é, logicamente, de uma e uma só daquelas facções, e 1951, finalmente, é da outra, quer queira, quer não. Que resolvam lá quem fica com qual das duas últimas, pois o cronista até hoje não sabe ao certo quem é quem. A pessoa que quiser lisongear um líder «reformista» basta chamá-lo «adventista da reforma de 14». Quem quiser ofendê-lo duramente chame-o de «51». Para o membro de uma facção o título «51», altamente pejorativo, serve para o da outra; nunca para si próprio! Aliás, a simples pergunta «a qual das duas o irmão pertence?» já é irritante! E com razão...

Cada comunidade tem um carácter peculiar e cada data serve de distinção à respectiva idiossincrasia. Assim cada um que festeje a sua efeméride própria. Quanto a nós não temos dúvidas: faz 130 anos que surgimos dentro da profecia, destinados a crescer e progredir sem dissenções nem divisões e subdivisões ⁽⁵⁾. Eis o segredo do nosso progresso em todos os sentidos ⁽⁶⁾. Facto incontestável, nada mais, nada menos.

Simpática a nossa data, não? E não apenas simpática: disputada indevidamente por outrem que não tem nenhuma parte connosco. Nós adventistas convictos não precisamos disputá-la; constitui-se uma efeméride nossa, legitimamente ADVENTISTA e sê-lo-á até ao fim!

J. Laerte Barbosa

P. S. do autor — Recomendamos a máxima atenção às citações escriturísticas e do Espírito de Profecia. A primeira delas é por contraste, as demais por harmonia:

⁽¹⁾ Testemunhos Selectos, 3.º Volume, página 443, 1.º parágrafo.

⁽²⁾ Testemunhos Selectos, 2.º Volume, página 363, 2.º parágrafo.

⁽³⁾ Profetas e Reis, página 179, 2.º parágrafo.

⁽⁴⁾ Isaías 4:1.

⁽⁵⁾ Isaías 54:2, 3.

⁽⁶⁾ Testemunhos para Ministros, página 27, 2.º parágrafo.

RÁDIO ADVENTISTA MUNDIAL

As emissões de rádio adventistas começaram há cerca de 50 anos, quando H.M.S. Richards deu início ao programa da «Voz da Profecia» numa estação local da Califórnia. Passado pouco tempo, a sua voz era ouvida através de outras estações no mesmo Estado e, eventualmente, noutros pontos da América do Norte. Hoje as emissões adventistas do sétimo dia fazem-se ouvir em todo o mundo, com mais de 5000 programas semanais.

A rede radiofónica adventista na América do Norte é constituída por uma dúzia de estações de FM e uma de ondas médias, dirigidas pela Igreja Adventista em todo aquele continente, em funcionamento contínuo. A estação DXCR, recentemente inaugurada nas Filipinas, é propriedade da Universidade Adventista daquele país. Várias outras estações funcionam igualmente noutros pontos do Globo.

A Rádio Adventista Mundial (Adventist World Radio) foi criada em 1971 para se ocupar das emissões em onda curta para a Europa. Contratando uma parte do tempo de funcionamento da Rádio Trans-Europa, em Sines, Portugal, a R. A. M. começou a transmitir em 12 línguas no dia 1.º de Outubro de 1971. Desde essa altura, o número de idiomas aumentou quase para 20. Recentemente fez-se novo contrato, desta vez com o emissor de Malta.

O emissor de Sines usado pela R. A. M. tem a potência de 250 000 Watts e um sistema selectivo de antenas que permite transmitir quer para o Norte, para o Centro ou para o Sul da Europa. O emissor de Malta é da mesma potência e dispõe duma antena que permite transmitir praticamente para qualquer parte do Mundo.

Há doze estúdios a trabalhar nos programas da R. A. M. Em cada estúdio existe pessoal efectivo trabalhando na produção dos programas e ocupando-se da correspondência. A maior parte da música é executada por artistas adventistas e calcula-se que estejam envolvidas mais de mil pessoas neste aspecto da programação.

A Rádio Adventista Mundial é financiada exclusivamente por contribuições voluntárias, continuando

deste modo a ser um empreendimento que subsiste pela fé, no esforço de espalhar a Mensagem Adventista por toda a Terra.

Allen Steele

N. da R. — Dado serem as emissões da R. A. M. feitas em onda curta e com antena dirigida, não é possível captá-las em Portugal. Na intenção de servir os leitores da Revista Adventista que residam em França ou na Alemanha, damos aqui o horário do emissor de Sines nas respectivas línguas, todos os domingos, na banda dos 31 metros, frequência de 9670 KHz, hora da Europa Central. Alemão: 8.30, 8.45 e 9 horas. Francês: 9.30 e 9.45 h.

história do mês

SOMBRAS



A mãe cobriu bem o Miguel e deu-lhe um beijo.

— Agora dorme, meu filho! — E desceu a escada, mas entretanto a voz do Miguel fez-se ouvir:

— Mamã! Mamã!

Esta voltou a subir a escada e entrou de novo no quarto do Miguel.

— Que se passa, filho? Não podes dormir?

— Tenho medo, mamã — soluçou Miguel. — Há uma coisa que mexe na árvore que está ao pé da janela. Penso que é um tigre!

— Verdade? — disse a mãe. — Não acredito que um tigre possa subir a uma árvore tão alta.

— É... o Roberto viu uma noite um tigre no tecto da casa dele. Eu tenho medo!...

— Miguel, vamos à janela ver o que se passa.

O menino levantou-se e foi à janela com a mãe. Esta apagou a luz, para verem melhor. E, realmente, quando os ramos se moviam e a luz da Lua batia neles, parecia que alguma coisa se mexia.

— Miguel, estás a ver a sombra? — perguntou carinhosamente a mãe. — A linda luz da Lua, ao bater nas folhas da árvore produz uma sombra, da mesma maneira que a luz do Sol. Quando sopra o vento, as folhas movem-se e isto

faz com que as sombras também se movam.

— Então a luz da Lua e o vento fazem com que a sombra pareça um tigre? — perguntou Miguel.

— Exactamente. Quero que compreendas o que é, para que não tenhas medo. E ficaram olhando através da janela durante algum tempo. Depois a mãe perguntou:

— Quem criou a Lua e manda o vento?

— Deus — respondeu o menino.

— E as árvores?

— Foi também Deus — disse Miguel.

— E a ti, meu filho, quem te deu a vida?

— Deus. E Ele não fez as coisas para me assustarem, pois não, mamã? Deus gosta de mim e não quer que eu tenha medo das sombras. Amanhã vou a casa do Roberto contar-lhe o que se passou esta noite. E o Roberto também não vai ter medo dos tigres. Verá que são só sombras...

Catarina Bevis

ACTIVIDADES M. V. PARA 1976

Ao iniciarmos um novo ano de actividades, as nossas saudações muito especiais a toda a Juventude desta Associação. Esperamos, com a ajuda de Deus, que este ano possa ser um ano de vitórias para a nossa Juventude.

A fim de que os jovens possam fazer os seus planos, aproveitamos este meio para lhes dar a conhecer os planos deste Departamento para 1976.

A primeira grande actividade M.V. será a Semana de Oração, a que poderemos chamar, mais apropriadamente, Semana de Reavivamento M.V.. Nessa semana, 21 a 28 de Fevereiro, pensamos que os jovens poderão renovar a sua consagração ao Senhor. Há problemas que enfraquecem a nossa fé ao longo dos meses. É o momento de obter nova força e energia para a luta diária. No fim dessa semana haverá um passeio de confraternização, que reunirá os jovens de várias igrejas do País.

Durante o mês de Março, toda a juventude deve colaborar na grande Campanha de Evangelização — Acção 76, nas suas igrejas.

O segundo plano será dois encontros regionais por altura das férias da Páscoa. O do Sul, terá lugar na Igreja de Lisboa, de 9-11 de Abril. O do Norte terá lugar no fim da semana seguinte, isto é, 16-18 de Abril, no Colégio de Oliveira do Douro. Nestes encontros haverá actividades espirituais e físicas, em que colaborarão os jovens de cada igreja.

Pensamos realizar este ano três acampamentos, de acordo com as idades dos jovens. O primeiro, para os Tições, (9-12 anos), será realizado de 25 de Julho a 4 de Agosto; o dos Desbravadores, (13-16 anos), será de 8 a 18 de Agosto; o dos jovens (17-25 anos), será de 20 a 30 de Agosto. Ao realizarmos estes três acampamentos, temos em vista ter um número menor de jovens em cada um deles, e, assim, proporcionar-lhes um melhor programa.

Queremos, desde já, lembrar aos jovens e a seus pais, que os acampamentos adventistas têm um fim em vista — o aperfeiçoamento da nossa Juventude. Nele devem ser praticados os princípios básicos da educação — o desenvolvimento harmónico: físico, espiritual e intelectual. Assim, num acampamento, qualquer destes aspectos deve merecer a atenção daqueles que os vão dirigir.

Setembro será outro mês com um significado especial para os jovens. Teremos, de 22 a 25, o congresso M.V. da Associação Portuguesa, que está planeado para o Norte, no nosso Colégio de Oliveira do Douro. Antes do congresso, está planeado um curso de Liderança M.V., com o Pastor Nino Bulzis, secretário M.V. da Divisão e

Pastor M. Buonfiglio, da União. Um dos planos do congresso será o festival do Hino M.V. e jogos florais da juventude. Outros planos regionais aparecerão no momento oportuno. No entanto, a nossa grande necessidade é a de fortalecer a organização das nossas sociedades nas igrejas locais.

Ao nível internacional, haverá dois planos que devem merecer, também, a nossa atenção. O primeiro é o acampamento internacional para Desbravadores, que terá lugar no Sul da França, de 14 a 26 de Julho. Esperamos ter ali uma representação de jovens portugueses. Somente farão parte dessa representação jovens que

estejam seguindo o programa dos Desbravadores nas suas igrejas. O segundo é um acampamento, também internacional, para jovens que conhecem o inglês, em Kalamos, na Grécia, de 17 a 29 de Agosto. Gostaríamos de ter alguns jovens que representassem Portugal.

É necessário pôr em prática os variados planos que o Departamento M.V. possui, para obter da juventude uma melhor colaboração na vida da Igreja, e dar, também, aos nossos jovens, elementos para a formação dum carácter cristão.

Receberá este Departamento, com o maior interesse, qualquer sugestão dos jovens sobre estes planos, ou outros que poderíamos levar a efeito.

Aos responsáveis M.V. das igrejas, cabe uma parte da responsabilidade do êxito destes planos.

Vosso colaborador,

J. Morgado

LIBERDADE RELIGIOSA

Os problemas da liberdade religiosa têm preocupado a direcção da nossa Obra, em Portugal, ao longo dos anos.

Ultimamente, foram efectuados alguns contactos, dos quais queremos dar algumas notícias. São dois os assuntos que têm sido tratados: o das aulas ao Sábado para os jovens adventistas e o dos objectores de consciência.

No ano de 1974, em Outubro, foi entregue, na Secretaria de Estado de Orientação Pedagógica, uma exposição, pedindo que as faltas dadas ao Sábado, pelos jovens pertencentes à Igreja Adventista do 7.º Dia, fossem relevadas. Com as várias mudanças de Governo, essa exposição, simplesmente, desapareceu. Em Outubro de 1975, nova exposição foi entregue e, depois de vários contactos havidos, nada de novo se obteve.

Em Dezembro de 1975, esteve em Portugal o Secretário da Associação Internacional para Defesa da Liberdade Religiosa, Dr. Pierre Lanarès, que teve um novo contacto com a mesma entidade e no qual ficou assente fazer-se uma nova exposição a entregar ao Ministro.

Devemos acrescentar que muitas comissões de gestão de várias escolas têm aceiteado uma declaração, dizendo que aqueles alunos pertencem à Igreja Adventista; e são dispensados. Outras escolas, não se segue o mesmo critério.

Também, o Dr. Pierre Lanarès fez algumas diligências sobre o problema dos objectores de consciência.

As leis internacionais aceitam o princípio de que jovens, por motivos «religiosos, éticos ou filosóficos», po-

dem negar-se a pegar em armas tomando parte em operações bélicas, da responsabilidade dos seus países.

Pela primeira vez, em Portugal, está a começar a ser ventilado o problema ao nível da Constituição.

No projecto de Constituição, que está a ser elaborado pela Assembleia Constituinte, foi já aprovado um artigo, n.º 27, alínea 1, que diz:

«É reconhecido o direito à objecção de consciência ficando os objectores obrigados à prestação de serviço não armado com duração idêntica à do serviço militar obrigatório».

O Irmão Júlio de Sousa já havia feito alguns contactos, que foram reforçados, agora, pelo Dr. Pierre Lanarès, tendo em vista que a redacção deste artigo seja classificada com a substituição da expressão «serviço não armado» por «serviço civil». Esta expressão estaria mais de acordo com os princípios defendidos por várias Igrejas.

Estamos continuando estes contactos e esperamos que eles possam obter resultados.

Ao contactar com os representantes de vários partidos, o Dr. Pierre Lanarès teve em vista obter a concordância deles para este plano, logo que o assunto seja de novo ventilado.

Foi, pois, bastante proveitosa, a visita do Secretário-Geral da Associação Internacional para Defesa da Liberdade Religiosa neste momento. As orações de toda a Igreja devem acompanhar as diligências que continuam a ser feitas.

J. Morgado

MISSÃO INYAZURA

PROJECTO DO PRÓXIMO DÉCIMO TERCEIRO SÁBADO

A Rodésia é um país de contrastes. Os rios e ribeiros, ora levam água ora estão completamente secos. Primavera e Outono quase não existem. A transição entre Inverno e Verão faz-se de maneira brusca e é assinalada pela trovoadas que traz a chuva. Mas se plantarmos algumas árvores, em poucos anos teremos uma floresta. Quando a chuva chega, não cai de maneira branda, gradual, como noutras terras, mas vem em bátegas violentas, acompanhada de relâmpagos e trovões, tendo certa analogia com as gaitas de foles e os tambores indígenas, mas em poucos dias a Natureza, que parecia morta, reveste-se de verde.

No Inverno, essa Natureza apresenta-se despida, grandiosamente desolada. No Verão é dominada pela paixão do crescimento. Mas o Sol brilha durante todo o ano, definindo as cores e as formas das coisas, revelando o espaço e a distância. A terra não conhece o suave afago da neve caindo em flocos, nem a terrível ferocidade dos furacões e ventanias. A luz do Sol é constante e a temperatura sempre amena, mas os homens e os animais têm dificuldade em suportar as prolongadas secas.

Os nossos primeiros missionários estabeleceram contacto com os Matabelos em 1894, fixando-se na região ocidental do país. Esta tribo é aparentada com os Zulus da África do Sul e a sua língua é o Sindebele. Os Mashonas vivem mais para o oriente e falam a língua Shona.

Até 1910 a mensagem não tinha chegado ao lado oriental nem atingido a tribo Mashona. M. C. Sturdevant, um dos nossos pioneiros americanos, tinha por isso um grande desgosto. Em 1910 deixou a Missão Solusi e foi à procura de um lugar onde se pudesse estabelecer uma missão mais para o oriente.

O Pastor Sturdevant encontrou um cavaleiro inglês, de nome Folkes, que tinha entregado ao Estado a sua propriedade. Eram cerca de 2400 hectares de terreno e o Governo vendia tudo a menos de um xelim (oito escudos) por hectare.

O terreno era fértil, melhor que o da Missão Solusi, e o Pastor Sturdevant insistiu com a União Sul-Africana — que nessa altura dirigia o trabalho no norte — para que comprasse a propriedade. Não havia fundos e a proposta foi rejeitada. O apelo chegou então à Conferência Geral. Depois de sérias considerações, foi decidido que não era o momento para comprar outra propriedade. O Pastor Sturdevant apresentou o problema em oração a Deus e teve uma ideia.

Dirigiu-se ao Governo da Rodésia e sugeriu que uma parte dos 4800 hec-

tares de terreno cultivado da Missão Solusi fosse trocada por igual extensão de terreno na Mashonalandia. O Governo concordou e fez-se uma permuta de 1600 hectares. Assim veio ter à nossa mão a propriedade de Tsungwesi que tomou o nome de «Missão Inyazura».

Ainda no mesmo ano de 1910, doze africanos adultos fizeram, com outros tantos jumentos carregados, a viagem de Solusi para a nova propriedade. Foi com sacrifício que se encontrou uma quantia equivalente a 5000 escudos para ajudar a desenvolver o trabalho entre o povo Mashona.

Limpou-se o terreno necessário para as primeiras sementeiras. Construíram-se casas de terra batida e tecto de colmo para servirem de habitação e de escolas.

A doença perseguiu esta missão como tinha acontecido em Solusi. Primeiro foi a filha de um professor que adoeceu e morreu. Muitos dos outros professores tiveram medo e voltaram para a sua terra.

Então, com uma equipa reduzida, 23 alunos na escola, gado para cuidar, terreno para cultivar, reuniões para fazer, o Pastor Sturdevant foi forçado a fazer um «apelo macedónico» por ajuda.

A Conferência Geral enviou o jovem Lynn Bowen com a sua esposa que era uma excelente professora. Chegaram e foram cordialmente recebidos a 30 de Maio de 1911. Em menos de um ano, Lynn Bowen, que não se tinha vacinado antes de sair da América, morreu atacado pela varíola. A Sr.^a Bowen continuou corajosamente o trabalho de professora, cuidando do próprio filho que entretanto nascera.

O Pastor Sturdevant estava na América quando lhe chegaram as notícias da tragédia da família Bowen. Encontrou então o irmão F. Burton Jewell e a sua esposa que tinham grande desejo de trabalhar na África. Ele era um enfermeiro competente do antigo Sanatório de Battle Creek, ela tinha boas qualidades para o serviço prático nas Missões. O irmão Jewell procurou aconselhar-se antes de deixar a pátria. Disseram-lhe: «Corte todas as pontes atrás de si.» Foi isso que fizeram e concentraram toda a sua dedicação e esforços na nova pátria adoptiva, até que chegou o momento de os seus corpos serem postos a repousar no solo africano.

Em 1914 havia 90 hectares de terra cultivada e era fértil. O Pastor Sturdevant era um homem de oração e não permitia que nada o distraísse durante os períodos em que se isolava para buscar o conselho divino. Sem tal ajuda, a sua coragem teria desfalecido.

Em 1917 morreram dezenas e dezenas de crianças duma desintéria epidémica. O pequenino Lawrence Bowen perdeu a vida e foi sepultado junto do seu jovem pai. Frankie Tarr, filho de Evelyn, recentemente chegada da África do Sul, foi igualmente levado para o pequeno cemitério. Também foi atingido Elias Matebu, fiel chefe dos professores que tinham vindo inicialmente de Solusi.

Os desastres em Inyazura não haviam ainda terminado. Uma sexta-feira, em 1918, a Sr.^a Evelyn Tarr disse que não se sentia bem. «Vou fazer um pudim para a minha família e depois meto-me na cama», foram as suas palavras. Já não voltou a levantar-se. O marido, gravemente enfermo num quarto contíguo, estava quase a succumbir. Não havia um ministro consagrado na Missão e o irmão Jewell decidiu ungir o irmão Tarr e orar pela sua cura. Após a unção, enquanto todos os professores oravam, Tarr teve uma recuperação milagrosa e voltou a ocupar-se da propriedade.

Os Jewells e a irmã Bowen estavam esgotados e tinham de ir passar um período de repouso para a costa. Havia apenas dois comboios por semana que faziam ligação com Inyazura. Um deles obrigava a viajar durante o sábado. Era o que melhor convinha, por ser mais rápido e permitir um melhor aproveitamento do tempo de repouso. No entanto decidiram tomar o mais lento, a fim de evitar a viagem no sábado. O comboio em que teriam viajado se tivessem saído no sábado descarrilou ainda perto de Inyazura, numa curva que contornava o rio Macheke. A carruagem que teriam ocupado foi completamente destruída e houve uma quantidade de mortes. Esta experiência mostrou o valor da fidelidade.

Inyazura, que começou com 23 alunos e apenas alguns professores, tem agora 438 alunos e 16 professores. Com o tempo os edifícios foram-se deteriorando e necessitam de ser substituídos ou acrescentados para satisfazer as necessidades actuais.

«Enquanto pensais na Missão Inyazura, deixamos convosco estas palavras, escritas há bastante tempo por um dos nossos maiores pioneiros, W. H. Anderson: «Depois de ter servido durante 50 anos em África, quero dizer-vos que dei o meu dinheiro, a minha saúde, a minha mulher à África e tenciono dar o resto da minha fraca vida para acabar o trabalho que Deus me designou. Quero que aqueles que lerem estas palavras façam a si mesmos a seguinte pergunta: 'Senhor, que queres que eu faça?''»

Obrigado pela vossa liberalidade na oferta do próximo décimo terceiro sábado!

Jean Cripps

A Sr.^a Jean Cripps foi secretária dos escritórios, escreveu livros e trabalhou na redacção da Divisão Trans-Africana durante muitos anos. Continua em actividade, mas agora aposentada na Cidade do Cabo.

tem a palavra o leitor

As cartas ou artigos a publicar nesta secção devem trazer sempre o nome e o endereço do autor. Terão preferência os textos menos longos. Os pontos de vista apresentados podem não representar a opinião dos editores da Revista Adventista e a sua publicação não envolve qualquer responsabilidade denominacional.

APELO FERVOROSO

Na visão de um vale de ossos secos de que nos fala Ezequiel 37, nós vemos espelhado o estado de profunda dormência em que nos encontramos nos dias de hoje. Nem um movimento se nota que nos chame a vista. Nem um estremecimento de fé a agitar as criaturas. Nem um volver de olhos para o Céu donde a salvação está para vir àqueles que por ela se esforçam. Tudo parado e seco, como aquele vale de ossos, mortos para aquela hora e mortos para todas as eras mais por vir. Assim somos nós, aguardando, espetados no tempo, o fim de todas as coisas, o fim de nós mesmos, repudiando uma alta responsabilidade que o Senhor colocou em nossas mãos e desprezando desdenhosamente o sacrifício consumado no Calvário.

Tamanhas foram as dores vividas por Cristo para que nem um só se perdesse e queão grande a nossa ingrati-dão e cegueira!

Mas dia após dia as mensagens nos têm sido enviadas como orvalho vivificando a terra gretada, como chuva de bênção iluminando as almas.

Nada merecemos e desprezamos ao Senhor.

Mas o Senhor ama-nos e procura acordar-nos para a salvação. Em tudo que acontece pelo mundo põe patente ante nossos olhos o Seu desagrado.

Também já assim aconteceu nos dias da antiguidade nos períodos que antecederam as grandes catástrofes. E o homem, cego e surdo, desprezou os avisos do Senhor.

Habituaadas hoje as multidões ao domínio do fantástico, do regresso à barbárie, Deus, antes de usar os meios extremos de aniquilamento das Suas criaturas, chama-nos amorosamente de mil modos, aguardando que desperte-mos.

Chama-nos o coração, a mente, a visão.

Aqueles ossos secos, parados e mortos, prefiguram a nossa posição nos dias que vivemos.

E contudo, bastará um decidido movimento da nossa vontade para que a mente nos seja iluminada e que cada acção nossa, impulsionada pelo poder divino, possa repercutir-se em ondas, como pedra atirada a um lago dormente.

Cada esforço da nossa parte para servir e obedecer a Deus, são nervos, são carne e pele que revestem aqueles ossos.

O profeta disse ao Espírito: «Assim diz o Senhor Jeová: Vem dos quatro ventos, ó Espírito e assopra sobre estes mortos para que vivam.»

E logo o Espírito assopra sobre nós e nós vivemos e falamos das maravilhas do Senhor e entendemos os tempos e as coisas e dizemos sem temor: «Eis-me aqui, envia-me a mim!»

Ali, levantou-se da terra um exército muito poderoso.

Também nós, que temos estado mortos, vivificados pelo Espírito do Senhor seremos espadas flamejantes nas Suas mãos.

Olhemos e meditemos a visão do vale dos ossos.

COISAS (QUE SE OUVEM)

«Caramba, estão sempre a pedir, sempre a pedir; já começa a ser demasiado! Quando é que parará esta pedincha?»

Todos já ouvimos, no nosso contacto com os membros da igreja, uma exclamação deste tipo, quando, na frente da congregação, alguém faz apelo à generosidade do Povo Remanescente.

É triste, para nós, ouvirmos aos nossos irmãos uma afirmação destas. Como filhos do verdadeiro Deus, temos que considerar os motivos que nos levam a dar e o espírito com que damos. Diz-nos a pena inspirada que «seria melhor não dar absolutamente nada do que dar de má vontade; pois se dermos de nossos meios quando não temos o espírito de dar liberalmente, zombamos de Deus.» (1)

Os exemplos que nos foram legados, desde os tempos do Novo Testamento, são bastante explicitos acerca da forma como devemos encarar os pedidos que se fazem, tantas vezes, apelando para a nossa generosidade.

A Viúva

«Estando Jesus assentado defronte da arca do tesouro, observava a maneira como a multidão lançava o dinheiro na arca do tesouro; e muitos ricos deitavam muito. Vindo, porém, uma pobre viúva, deitou duas pequenas moedas, que valiam meio centavo.» (2)

Coloquemo-nos ao serviço do Mestre que nos espera.

Digamos firmes: «Eis-me aqui, envia-me a mim.»

Façamos a nossa parte diligentemente, cada dia.

O nosso trabalho para o Senhor é o mais importante, é o único de que nos serão pedidas contas.

Tal e qual como nós dispomos de espaço para nos movermos, tal como há para cada um um bocado de alimento para a boca, assim há em cada um de nós uma parte a fazer na seara do Senhor. Quem não faz a sua parte guardar-se-á para a grande aflição do último clamor:

«Passou a sega e nós não estamos salvos!»

Não hesitemos perante a tarefa a desempenhar. É o Supremo Obreiro que distribuirá as tarefas.

Ser-nos-á dado o conhecimento do que nos compete fazer.

Aquela visão dos ossos secos que não se apague da nossa mente.

E depois, vivificados pelo Espírito do Senhor, ressurgiremos como um exército vitorioso, coroado de estrelas, rumo ao Céu.

Mariana Mendes Palma

Cacém

«A viúva pobre deu sua subsistência para fazer o pouco que fez. Privou-se de alimento para oferecer aquelas duas moedinhas à causa que amava. E fê-lo com fé, sabendo que seu Pai celestial não passaria por alto sua grande necessidade. Foi esse espírito abnegado e essa infantil fé que atraíu o louvor do Senhor.» (3)

Ao acto dessa pobre mulher comentou Jesus: «Em verdade vos digo que esta pobre viúva deitou mais do que todos os que deitaram na arca do tesouro.» (4) Ela «cria que o serviço do templo era indicado por Deus, e estava ansiosa por fazer tudo que lhe era possível para a sua manutenção. (...) O coração acompanhou-lhe a dádiva; o seu valor foi estimado, não pela importância da moeda, mas pelo amor para com Deus e o interesse para com a Sua obra, que a motivaram.» (5)

Paulo

Cerca do ano 62 d.C. o apóstolo Paulo escreveu: «Sede também meus imitadores, e tende cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós, pelos que assim andam.» (6) Este conselho não foi dado em vão; Paulo, na realidade, «embora eloquente pregador, e por Deus escolhido para uma obra especial, (...) jamais se colocou acima do trabalho nem se cansou em se sacrificar pela causa que amava.» (7)

Ele bem pode aconselhar-nos a imitá-lo, pois soube o que era ser um cristão que amou a causa na qual trabalhava. Ele disse: «Sofro trabalhos e até prisões (...) mas a palavra de Deus não está presa. Portanto tudo sofro por amor dos escolhidos.» (8)

«Açoites e prisões, frio, fome e sede, perigos por terra e por mar, nas cidades e no deserto, da parte de seus patrícios, dos pagãos e dos falsos irmãos — tudo isto ele sofreu por causa do Evangelho.» (9)

Deus

Podemos ver, apenas com poucas palavras, tudo quanto somos capazes de entender acerca do que Deus deu, dando-nos assim um exemplo máximo. Diz-nos a palavra de Deus que «Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigénito, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.» (10)

Que mais poderemos dizer? Nada se pode juntar a estas palavras inspiradas sem nos repetirmos. Deus «amou» e, por isso, «deu».

Jesus

«Eu Sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a Sua vida pelas ovelhas.» (11) Com esta frase Jesus revelou tudo quanto o movia: o amor.

«Dou a Minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém ma tira de Mim, mas Eu de Mim mesmo a dou.» (12) «Ninguém tem maior amor do que este; de dar alguém a sua vida pelos seus amigos.» (13)

«Para isto sois chamados; pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que signais as Suas pisadas.» (14)

Conclusão

«Deus ama ao que dá com alegria.» (15) «Daí, e ser-vos-á dado; boa medida, sacudida e transbordando, vos deitarão no vosso regaço; porque com a mesma medida com que medirdes também vos medirão de novo.» (16)

Mas ...

... que tudo isto seja isento de egoísmo!

(1) Ellen G. White, *Mordomia e Prosperidade*, pág. 199.

(2) S. Marcos 12:41, 42.

(3) Ellen G. White, «op. citada», pág. 176.

(4) S. Marcos 12:43.

(5) Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 458.

(6) Filipenses 3:17.

(7) Ellen G. White, *Actos dos Apóstolos*, pág. 354.

(8) 2.ª Timóteo 2:9, 10.

(9) Ellen G. White, *Actos dos Apóstolos*, págs. 296, 297.

(10) S. João 3:16.

(11) S. João 10:11.

(12) vs. 17, 18.

(13) S. João 15:13.

(14) 1.ª S. Pedro 2:21.

(15) 2.ª Coríntios 9:7.

(16) S. Lucas 6:38.

A Excelência do Amor

(I CORÍNTIOS 13)

Ainda que eu consiga, na língua mais perfeita
Dos homens e dos anjos, louvar o Criador,
Bem posso fazer tudo, que o Céu me não aceita
Se em toda a minha vida não existir amor.

Serei um eco inútil do vão metal que soa,
Do címbalo que tine, do rufo do tambor;
Ter muitas qualidades e ser de gente boa
De nada há-de servir-me se eu não tiver amor.

A bênção eu tivesse do dom de profecia,
Fosse homem de ciência de tão grande valor
Que tudo conhecesse, também nada seria
— Quer sábio quer profeta — se não tivesse amor.

Ter grande fé eu posso, de modo a ser capaz
De transportar os montes, se necessário for,
Mas isso, só, não basta, proveito nenhum traz;
Eu sei que não sou nada se não tiver amor.

Ainda que eu entregue meus bens completamente,
Ainda que a ser mártir eu queira me dispor,
Deixando arder meu corpo, sofrendo horrivelmente,
De nada me aproveita se não tiver amor.

O amor é tolerante, tem sempre paciência,
Benigno é para todos, inveja não conhece;
O amor não tem ciúmes, conduz-se com decência;
O amor nunca se ufana, tão-pouco ensoberbece.

Os próprios interesses o amor nunca procura,
Primeiro cuida sempre do bem de outra pessoa;
O amor nunca se irrita, mas fala com doçura;
Do mal nunca suspeita, porém tudo perdoa.

Reprova a injustiça, não pode ver maldade.
Que todos fossem nobres, correctos, quem lhe dera!
Não gosta da mentira, só vive da verdade;
Crê tudo, tudo sofre, suporta tudo, espera.

O dom de profecia, na Terra renovada
Será desnecessário; e as línguas findarão;
Dos feitos da ciência, por fim, não resta nada,
Mas vai ficar a chama do amor no coração.

Agora nada vemos na vida com clareza;
É tudo relativo, pois tudo é parcial,
Não há nada perfeito. Mas, oh, feliz certeza!
Vem breve o dia eterno do Bem, do Ideal.

Agora permanecem o Amor, a Fé e a Esp'rança,
— As três grandes virtudes da vida superior —,
Porém a maior delas, a tal que o Céu alcança,
A mais maravilhosa de todas, é o AMOR!

Vasco de Sousa

IGREJA DE BRAGA

Não é esta, realmente, uma experiência maravilhosa?

O Ir. António Pereira é membro da Igreja de Braga há cerca de 4 anos. Em 1974 ele encontrava-se prestando serviço militar. Foi então mobilizado para servir em Angola. **Uma das suas primeiras preocupações foi a de não partir sem que primeiro fizesse um esforço para levar o conhecimento do Evangelho a algumas pessoas das suas relações.** Fez vários contactos e inscreveu algumas pessoas no curso da Escola Rádio-Postal. Algumas semanas depois seguia para Angola.

Uma das pessoas que se inscreveu no Curso foi um jovem seu amigo que começou recebendo as lições e prosseguiu durante alguns meses no estudo das Sagradas Escrituras. Mas este jovem aluno não foi perseverante e acabou por ficar pelo caminho, sem ter concluído o curso bíblico por correspondência: as lições foram abandonadas numa gaveta.

Passaram-se alguns tempos e, naquela casa, onde este jovem tinha posto de parte as lições de Bíblia, deu-se um acontecimento bastante feliz: regressou da Guiné um irmão deste jovem, após ter terminado o seu período de serviço militar. O nome deste jovem é António Machado. Alguns dias

depois de ter regressado, aconteceu o seguinte: Estava o jovem Machado em casa quando, a dada altura, ele mexeu numa gaveta e a abriu: Lá dentro encontravam-se as lições do Curso bíblico. Seu irmão estava perto e travou-se mais ou menos o seguinte diálogo:

- Que é isto aqui?
- Isso são umas lições dum curso que eu andei a tirar.
- Mas isto fala de coisas da Bíblia.
- Pois fala.
- Então não acabaste o curso?
- Não. Mas por acaso até dão uma Bíblia a quem acabar o curso.

O jovem Machado ficou a pensar no caso e resolveu continuar o Curso que o irmão tinha abandonado. **Voltou a Escola Rádio Postal a ser solicitada** e as lições de Bíblia voltaram a chegar até àquela casa de Braga.

Semanas, meses até, se passaram, e um dia eu recebi indicação da Escola Rádio Postal para entregar um diploma do Curso de Bíblia em Braga. Fiz seguir esse diploma para as mãos do nosso irmão Manuel Mendes, colportor na referida área. **O Ir. Manuel Mendes foi entregar o diploma ao aluno António Machado.** Quando ali



O irmão António Pereira

chegou, declarou-se enviado em nome da E. Rádio-Postal para entregar o diploma ao Sr. António Machado. O próprio aluno o atendeu. Conversaram algum tempo. No decurso da conversa, o jovem Machado contou como se sentia contente em ter conhecido as verdades da Sagrada Escritura e acrescentou que **já estava guardando o Sábado há algum tempo e também disse que já estava pondo de parte o dízimo do Senhor** e, acrescentou, com serenidade e precisão: Um destes dias, quando for à igreja, levo o dízimo ao Sr. Padre. Muito cortês, mas oportunamente, o Ir. Manuel Mendes deu-lhe os parabéns pelas suas boas decisões, mas sempre foi ajuntando que «já que tinha sido a Igreja Adventista a dar-lhe o conhecimento daquelas verdades bíblicas, melhor ele faria de entregar o dízimo na Casa de Deus, mas na Igreja Adventista». Surpreendido, o jovem Machado perguntou acerca da Igreja Adventista e se havia uma Igreja Adventista ali em Braga. O resto da conversação todos os leitores o podem adivinhar! Resta acrescentar que, numa das cerimónias baptismais realizadas no ano passado, o jovem Machado tornou-se o nosso prezado Irmão na Fé António Machado.

Alagramo-nos muito em podermos dar estas boas-novas aos irmãos da Igreja Adventista que, através da nossa querida Revista, seguem um pouco o desenvolvimento da Obra do Senhor por terras de Portugal e **rogamos a Deus para nos dar a todos um verdadeiro espírito missionário**, a fim de podermos ter a satisfação de vermos muitas experiências como esta realizarem-se por toda a parte.

J. M. Matos



A esquerda, o irmão Machado com a Bíblia. Ao seu lado, o irmão Manuel Mendes, nosso colportor em Braga, sorri compreensivelmente



Jovens de Lisboa e Portalegre cantando na praça pública

NOTÍCIAS DE PORTALEGRE

Depois de dois anos e meio no Alto Alentejo, eis-nos a dar algumas notícias mais salientes e, em resumo, atendendo aos leitores, particularmente os originários destas terras. Para os desconhecedores, falaremos um pouco sobre o Distrito de Portalegre.

O nome desta cidade procede de «Porto Alegre». Remontemos aos dias de D. Afonso III, que à primitiva povoação de Portelas, reconstruída em 1259, concedeu o respectivo foral e o nome de Portus Alcacer, cuja etimologia deve ter provindo dos alfandegários «portos secos». Pela risonha e alegre panorâmica, este porto passou, como já referimos, a denominar-se «Porto Alegre» e, hoje, Portalegre. De facto, paralelamente à alegria alentejana, malgrado a sua relativa monotonia paisagística, aqui continua a ser um porto onde alegremente a mercadoria do Céu e os seus mercadores vão passando. Temos mesmo muitos agentes da salvação dispersos pelo distrito. No sul, Vila Boim e Elvas, e na ponta norte Nisa e Arneiro. Na raia de Espanha temos S. Julião, Rasa e S. António, opondo-se ao limiar ribatejano, com Atalaia, Moinho do Torrão, Torre das Vargens; mais para cá: a Comenda, Alpalhão, Fortios, e Ribeira de Nisa a escassos quilómetros.

É pois, por estas terras, que alguns mercadores do Céu, nos deixaram a sua bagagem espiritual, refrigerando-se por outro lado, na alegria e hospitalidade portalegrenses. Eis alguns desses viajeiros nestes últimos anos, por ordem cronológica: Pastor A. Codejón e Família, durante uma semana, em Dezembro de 1973, vindo da Divisão. Ainda desta, o Pastor Schmidt que acompanhava o Pastor Feering da Conferência Geral. Posteriormente, vi-

sitaram-nos: o anterior presidente da União, Pastor Monnier e, num Congresso em 1974, o presidente espanhol Carlos Puyol. Da Associação tivemos já várias vezes o Pastor Raymundo, o Pastor Dias e o Pastor Baião, com uma embaixada da Beira Baixa, já no transacto ano. Também o novo director M. V. da Associação, Pastor Morgado, nos visitou planeando com os jovens.

(Falando de visitas jovens, tivemos uma excursão da Igreja J. Bonifácio, onde vinha integrado o Grupo Maranata, que actuará para duas igrejas e para os Bombeiros, no Gimnodesportivo. Em seguida, os CRAMV trouxeram os seus planos MV. Outros pastores colaboram neste Porto Alegre: recordamos o Pastor Graça, várias vezes o Pastor Casaca e muitos outros em férias pelo Alentejo, que nos ajuda-

ram, quer em baptismos, quer noutros programas.

Este final de ano foi caracterizado por actuações especiais MV, no exterior. Pelo Natal, alguns jovens actuaram musical e poeticamente para o Hospital Distrital. Mais tarde, aproveitando uma excursão da Igreja G. Roçadas, com jovens de Lisboa e arredores, fizemos um programa noutro hospital, ou seja no Sanatório, de que mostramos uma fotografia. Ali actuaram grupos musicais de Lisboa e outro de Portalegre.

Mas o ponto alto seria atingido nessa noite de sábado, com «O Convite às Bodas», que obteve grande êxito entre os irmãos, tanto pela actuação como pela mensagem. Esta foi sempre corroborada com cânticos, «slides» e poemas preliminares.

Nesta digressão MV pelo Alentejo, teve também preponderância o convite e saudação jovem, à população, primeiro na escadaria do fontanário da praça principal, depois pelas ruas principais, onde os cânticos cristãos falaram da nossa mensagem. Na noite anterior, os jovens visitantes actuaram ainda para a Igreja da Ribeira de Nisa, que se tornou pequena nessa noite. Dirigiu a meditação de Natal o Pastor Chevrier, que com entusiasmo muito animou a todos. A ele e aos que se esforçaram por trazer a este «porto seco» a mercadoria celestial, um muito «bem haja», à maneira que só os alentejanos sabem fazer.

Entretanto aguardamos a visita oficial do nosso actual presidente da Associação, Pastor Baião, a esta vasta e dispersa seara alentejana onde, por ser tão extensa, alguns irmãos passaram a orar como Jesus ensinou, quando disse: «Rogai ao Senhor da seara para que mande obreiros para a Sua seara». Que o Senhor Ihes conceda conforme a sua petição e a Sua vontade. Que assim seja!

Vosso na Seara do Mestre,

Daniel Simões da Silva



No Sanatório: doentes que assistiram ao programa dos jovens e o aplaudiram

Baptismos

Dar notícias quando elas são boas, é uma alegria! Manifestar gratidão é a expressão máxima da alegria. Assim o revelou o profeta ao exclamar: «EBENEZER, até aqui nos ajudou o Senhor.» I Samuel 7:12.

A igreja de Odiveelas sente-se feliz de poder registar mais uma vez nas páginas da Revista Adventista uma boa notícia. O dia 20 de Dezembro culminou as actividades missionárias de 1975 com uma cerimónia baptismal em que mais 6 preciosas almas selaram o seu pacto com Jesus.

Com estes baptismos eleva-se a 14 o número de membros acrescentados à igreja em 1975, o que equivale a 20 % do número do registo, que conta actualmente 76. É-nos grato salientar que a maior parte dos membros baptizados em 1975 é gente jovem e cremos que esse facto muito beneficiará a igreja.

Entre estes últimos baptismos contam-se dois jovens casais, que ficaram ainda mais unidos por mais estes laços espirituais que os ligam a Cristo. Cremos que é motivo de dupla alegria, pois não são só novos membros que se unem à igreja, mas novos lares cristãos que enriquecerão a comunidade adventista.

Um destes irmãos conheceu a mensagem em Angola, e logo a quis partilhar com a esposa que estava em Portugal. O outro casal conheceu a mensagem na Guiné por intermédio do nosso ancião irmão Ângelo Freitas. Mas foi a Acção 75, à qual assistiram regularmente, que os levou a decidirem-se pelo baptismo. Quão gratos eles se sentem pelo tesouro da verdade que receberam, que não só os enriqueceu a eles, como também a igreja ficou mais enriquecida por mais estes queridos filhos e colaboradores do Evangelho.

«...Pessoa alguma se acha convertida enquanto não se gerar dentro dela o desejo de tornar conhecido aos outros o precioso Amigo que encontrou em Jesus. A mensagem salvadora, santificadora, não pode ficar encerrada no coração.» **Serviço Cristão** pág. 66.

Isto mesmo acontece com os nossos novos irmãos. Eles sentem que «todo o verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário». Por isso já se encontram activamente ao trabalho missionário, juntamente com outros irmãos mais antigos, com o pastor à frente, numa campanha de porta a porta com «A Bíblia Responde», que lhes tem proporcionado expe-



Os novos membros da Igreja de Odiveelas

riências maravilhosas. Esperamos que esta preparação da igreja e do público para Acção 76 seja coroada de êxito e que muitas pessoas agora contactadas possam assistir a esse esforço missionário e sejam novos candidatos ao baptismo no próximo futuro.

Uma outra irmã que se baptizou morava na Malveira, onde entrou em contacto com as chamadas Testemunhas de Jeová. Um dia veio a Odiveelas, onde tem parentes, para procurar pessoas dessa religião. Alguém lhe indicou uma casa mas, ao bater à porta, quem lhe apareceu foi uma irmã da nossa igreja, que logo começou a falar-lhe de Jesus. Foi tal o entusiasmo dessa senhora, que nunca mais deixou de contactar connosco, tendo-a nós também visitado em sua casa. Igualmente tem frequentado as reuniões no LAPI. Hoje alegra-se de já pertencer ao povo remanescente de Deus, «os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus».

A sexta pessoa baptizada foi a jovem Maria Cristina, último rebento da família Ribeiro, a quem o avô teve a grande alegria de mergulhar nas águas baptismas, como já antes acontecera aos seus pais e irmãos. Foi dia de grande alegria para esta família e sobretudo para a jovem Cristina, que há muito tempo não cessava de perguntar: «Quando é que eu posso ser baptizada? Eu quero ser baptizada!» Que o Senhor seja louvado para sempre e haja alegria nos Céus.

Pedimos a bênção de Deus para a Igreja de Odiveelas, para que seja uma igreja missionária e possa advertir com brevidade as almas que ainda vivem mergulhadas nas trevas do pecado, a fim de que sejam esclarecidas, pois o tempo está próximo e breve Jesus virá. Maranatha!

Irene B. Ribeiro

IGREJA DE FARO

Obras na Sala de Culto

Aproveitando a oportunidade que a «Revista Adventista» nos oferece como meio de comunicação, venho por intermédio da mesma dar a conhecer a todos os irmãos de norte a sul do País o progresso da Igreja de Faro — Algarve.

Começo por dizer que a antiga e «triste» sala de culto que existia se encontra completamente remodelada, bastante alegre e acolhedora. Para que se verificasse tal modificação foi necessário muito trabalho. Grande parte da mão-de-obra deve-se ao pastor local, Irmão Casaquinha, e ao Irmão Francisco. Ali trabalharam durante vários meses, empregando todo o esforço e boa vontade, ocupando todas as horas livres para tornar realidade o que há tanto os membros desta igreja ansiavam.

Muitas horas se gastaram na remodelação da mesma, no entanto estamos certos de que não foram gastas em vão, mas que Deus nos irá recompensar, com novas almas que desejem alcançar a Vida Eterna que Jesus nos foi preparar!

No dia 6 de Dezembro de 1975, portanto sábado, todos os irmãos chegaram com um sorriso nos lábios, transmitindo assim a sua felicidade e bem-estar na «nova» casa de oração, em que sábado após sábado irão adorar o Criador.

E assim chegou o dia da reinauguração da Igreja de Faro. Para comemoração de tal facto, tivemos nesse dia entre nós o nosso irmão Pastor A. Baião, que nos deliciou com um

IGREJA DA AMADORA

Volta a abrir a Sala de Culto da Reboleira

Graças a Deus a Amadora iniciou as suas actividades, neste ano, com a abertura de mais uma Sala para a pregação do Evangelho.

Era Sábado, pelas 16 horas do dia 24 de Janeiro de 1976!

O dia amanhecera belo, refulgente, esperançoso e feliz para a Igreja da Amadora e, muito particularmente, para alguns que iam voltar à Sala da Reboleira onde, havia 7, 8 ou mais anos, tinham nascido para a sua vida espiritual com Cristo.

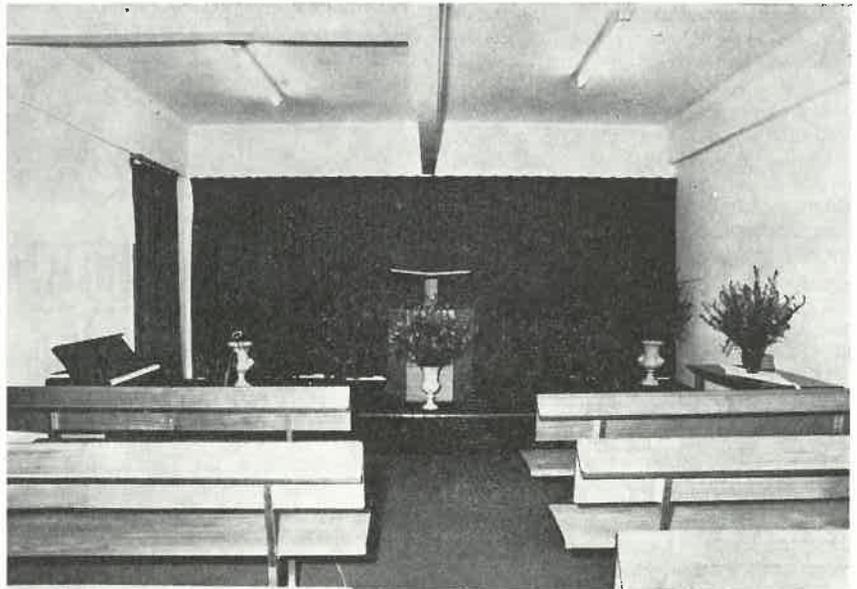
O pastor António Baião, como é óbvio, não só por ser o Presidente da Associação, mas porque é o Pastor da Amadora, não podia faltar e veio para fazer um belo Sermão de abertura que encheu as almas e alentou o ânimo de todos os que haveriam de ficar trabalhando naquele lugar.

Sobre o estrado, a ladear e a colaborar com o Pastor, encontravam-se o Anção de Igreja Jorge Emanuel Pires e o Pastor Francisco Caetano, Missionário na Guiné, cuja presença foi, para nós, um prazer e uma honra.

Antes, porém, de escutarmos o Pastor da Igreja, Pastor Baião, a Obreira Bíblica local fez um breve traçado da história da Igreja da Amadora que vem acompanhando desde 1963.

Foi precisamente naquele ano que o então Presidente da União Portuguesa,

Pastor Armando Casaca, solicitou a Pastor José Júlio Pires (recentemente reformado por falta de saúde) se ocupasse, com sua mulher, na função de Obreira Bíblica, do pequenino Grupo da Amadora.



A sala de culto da Reboleira inaugurada pela segunda vez

belo culto, e a quem aqui queremos expressar a nossa gratidão por se ter deslocado a esta localidade, a fim de presidir à cerimónia.

Tivemos também a presença do Pastor B. Raymundo, que naquela manhã de sábado dirigiu a Escola Sabatina. É de salientar ainda a companhia de alguns irmãos de outras Igrejas, bem como de algumas visitas. Naquele sábado a sala estava quase cheia, o que contribuía para um maior embelezamento.

Em nome da Associação Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia, e como presidente da mesma, o Pastor Baião proferiu palavras de agradecimento aos irmãos que contribuíram com o seu trabalho. Em nome da Igreja de Faro, o Pastor Casaquinha ofereceu um livro ao Irmão Francisco, como símbolo de gratidão pelas muitas horas de trabalho que dedicou à remodelação da sala.

Agora que a igreja de Faro é acolhedora e alegre, esperamos a protecção da mão de Deus no espírito de cada membro da mesma, para que possamos contribuir com o embelezamento espiritual, ganhando almas para Cristo! O território algarvio é considerado o mais duro na entrega de almas a Jesus, no entanto nós não

desanimamos, porque cremos que a Deus nada é impossível.

Agradecemos as orações de todos os irmãos em favor da conversão de almas nesta província.

Para comemorar a «nova» sala, tivemos seguidamente o «Plano dos Cinco Dias para Deixar de Fumar», que foi dirigido pelo Pastor B. Raymundo e pelo Pastor Casaquinha. Muitos convites foram feitos e, para melhor conhecimento da população, foi utilizado um altifalante. Infelizmente não foi obtido grande sucesso, no entanto algumas pessoas permaneceram até ao final do curso, mostrando desejo de abandonar o grande inimigo do homem — o tabaco. Em grande parte, o que motivou a pouca assistência foi o mau tempo que se verificou nessa semana. No entanto é de salientar que algumas pessoas que assistiram até ao final do curso assistiram também ao esforço de evangelização que teve lugar na semana seguinte e agora, passadas algumas semanas, essas mesmas pessoas assistem frequentemente aos cultos na nossa igreja. Conclusão: abstiveram-se do tabaco e aproximaram-se de Jesus.

A irmã em Cristo,

Rosa Maria Marcos

Aquele Grupo de, pouco mais ou menos, duas dezenas de pessoas devia-se à inspiração e abnegado labor do Pastor Marcelino de Matos Viegas que, em tempos, ali alugara uma sala para os lados do Bairro do Bosque.

Abençoada inspiração a do Pastor Matos Viegas!

Por razões que não urge mencionar, o Pastor Pires verificou ao cabo de pouco tempo a premente necessidade de encontrar outra sala para a Evangelização da Amadora: vila grande como uma grande cidade.

E foi assim que, culminando a insistente procura por parte do Pastor Pires, Deus nos deparou a Sala da Avenida da Aviação Portuguesa, na Reboleira.

Como era bela e grande aquela sala! Nós, tão poucos, com largueza nos acomodávamos e os nossos filhos e netos tinham um lugar independente e folgado para a sua Escola Sabatina: a cozinha anexa à sala.

Não foi preciso muito tempo, graças a Deus, para que aqueles, há pouco ainda, amplos lugares se revelassem tão pequenos que era impossível caber dentro deles. Quantos Sábados na sala mais de 30 pessoas de pé e na cozinha mais de 40 crianças empilhadas umas sobre as outras.

Novamente o infatigável Pastor Pires (infatigável no zelo e no amor que não nas forças) se devotou ao encontro de novo lugar para o Culto.

Toda a Igreja implorava a Deus lhe concedesse agora não uma sala apenas, mas duas, pois as suas crianças e jovens tinham-se multiplicado e de tal maneira que careciam de uma sala só para eles, para as suas actividades e reuniões.

E Deus concedeu duas salas! E a Divisão Sul-Europeia e a nossa União Portuguesa, na pessoa do seu Presidente, Pastor Ernesto Ferreira, colaboraram com o Céu para que essas salas se tornassem nossas. Ainda sen-

timos hoje a gratidão que transvazou da nossa alma naquele momento e ainda nos apetece dizer a Deus e aos homens um sincero «Muito Obrigado»!

E desta feita, os muitos que éramos na Reboleira voltámos a ser poucos nas amplas salas da Rua 1.º de Maio.

O facto de Deus nos ter premiado com estas duas grandes salas não privou o Pastor Pires de ver, à distância, o dia em que precisaríamos de voltar à Reboleira por carência de mais espaço e para acender de novo o Facho do Evangelho naquela grande e movimentada artéria da Amadora, e assim pediu à União Portuguesa mantivesse sempre aquela sala. Hoje todos nos regozijamos, agradecidos, nesse pedido e na sua concessão.

Das duas, a grande sala destinada ao culto há muito se tornou demasiado pequena e de impossível acomodação e por isso agradecemos a Deus e à Associação Portuguesa, na pessoa do seu Director, Pastor Baião, nosso Pastor também, a alegria de poder, sem dificuldade, reabrir a Sala da Reboleira e enviar para ali alguns membros que com alegria a ela regressam até que, e sempre por falta de espaço nas presentes salas, hajamos necessidade que, pedimos a Deus não venha longe, de abrir novo Centro de Evangelização, e desta vez em Queluz, onde temos todo o nosso empenho e o nosso coração.

É o Ancião da Igreja, Irmão João de Deus Marcelino Lopes, quem se está ocupando, de certo modo, da Sala da Reboleira, colaborado na Escola Sabatina por 3 valores jovens: Armando Cottim, António Júlio Lopes e Eduarda Cottim.

Quando no Sábado passado me desloquei ali para fazer o Culto, enquanto o Pastor Baião se ocupava da 1.ª Igreja, fiquei encantada com o magnífico relatório da Escola Sabatina que registava um número de estudos diários da Lição exactamente igual ao número de membros presentes. Anotei e transcrevo aqui algumas palavras do comentário àquele relatório feito pelo Ancião Marcelino Lopes: «Não queremos membros que não sintam o privilégio do estudo diário da sua Bíblia e se acaso há alguém que esteja noutra lado onde este estudo não tem tanto valor e ali não se sinta bem, venha para aqui enquanto ainda há lugar.» (Aqui fica o apelo!)

Queridos Irmãos, é graças a este espírito consciente da carência do estudo diário da Palavra de Deus, que prepara os homens para o trabalho, que o Senhor tem feito prosperar a Sua Obra na Amadora.

Bendizemos Deus pela Sua visível actuação nesta tarefa aqui, bendizemo-l'O por todos os Seus favores e direcção e a ELE e a vós suplicamos que nunca esqueçam as vossas Igrejas da Amadora.

Pela Igreja, vossa no Senhor.

Maria Augusta Pires



EXTERNATO ADVENTISTA DE OLIVEIRA DO DOURO

Sacrifício e Progresso

Após três anos de aulas no Externato Adventista do Norte, podemos dizer como Samuel: «Até aqui nos ajudou o Senhor». Apesar de todo o atraso das obras, que fazia crer a muita gente que não iríamos iniciar as aulas este ano lectivo, estas começaram apenas com dez dias de atraso. Podemos dizer com firmeza que esta foi a primeira grande vitória que Deus nos ajudou a alcançar. Todavia, muitas outras se seguiram, que têm melhorado consideravelmente as condições em que as aulas funcionam.

É certo que muitas coisas há ainda a realizar, mas tudo se tem suportado com o entusiasmo de quem começa algo de novo e de grande importância, e sobretudo com o ânimo de quem trabalha para uma causa que pertence a Deus: a educação da juventude adventista.

Apesar de o nosso Colégio não poder apresentar desde o início as con-

dições ideais (uma vez que a parte dos recreios ainda não está terminada e o próprio ginásio só agora está em fase de acabamento), muitos membros das igrejas circunvizinhas responderam ao apelo para que confiassem a educação dos seus filhos aos professores adventistas que leccionam no Externato Adventista do Norte. E não tem sido pequeno o sacrifício de alguns pais que têm de preparar os seus filhos para que às sete horas da manhã entrem na carrinha que os conduzirá até ao Colégio. Mas tudo isso os pais têm suportado e esquecido, pensando em todas as vantagens que a educação cristã oferece aos seus filhos.

Resta-nos agradecer a Deus toda a ajuda que nos tem dado e rogar-Lhe que essa ajuda seja cada vez maior, para que o progresso e êxito desta Escola possam ser uma realidade.

Samuel Grave

FRANCÊS EM COLLONGES

Porque não aprender o francês como se fala em França?

Venha no próximo Verão, de 20 de Junho a 20 de Julho, aproveitar os Cursos de Francês no Seminário Adventista de Collonges e visitar o Monte Branco, os Lagos Suíços e Genebra.

Para obter informações pormenorizadas, escreva ao

**DR. GEORGES STEVENY, Séminaire Adventiste
Collonges-sous-Salève, 74160 St. Julien en Genevois
FRANÇA**

caixa de perguntas

CONSUBSTANCIAÇÃO E TRANSUBSTANCIAÇÃO

A pergunta é sobre o significado dos termos **consustanciação** e **transustanciação**, em relação com a doutrina adventista a respeito da Ceia do Senhor.

A Igreja Romana concebe a Santa Ceia em termos de **transustanciação**. Isto significa que, no momento em que o sacerdote oficiante consagra o pão e o vinho, estes se transformam no verdadeiro corpo e no verdadeiro sangue de Cristo. A própria palavra, em relação aos seus elementos, explica bem esse suposto fenômeno: TRANS, é uma preposição Latina que quer dizer **ir além**, isto é, andar além do lugar (como no caso que estamos estudando), além da substância.

Então, no momento em que o sacerdote consagra o pão (HÓSTIA), o corpo de Cristo passa para o pão consagrado e este torna-se naquele momento o verdadeiro corpo do Senhor. O mesmo acontece com o vinho.

Convém lembrar que o termo «HÓSTIA», aplicado ao pão, significa «Vítima oferecida em sacrifício».

Analisando bem este conceito absurdo, chegamos à conclusão de que a Igreja Romana pretende possuir o poder de criar o próprio Criador e oferecê-lo em sacrifício cada vez que é celebrada a ceia durante a missa.

Para amenizar essa pretensão sem nenhum apoio bíblico, dizem os sacerdotes católicos que o sacrifício da missa é uma repetição incruenta do cruento sacrifício do Senhor sobre a cruz no Calvário.

Ora, o apóstolo Paulo diz em Hebreus 9:27 que o Senhor Jesus Se ofereceu «**uma única vez**» para tirar os nossos pecados, e continua dizendo no capítulo 10:12 que isso foi realizado «**em um único sacrifício**», o que deita por terra a pretensão católica romana.

Comentando esse assunto, diz a Sr.^a E. G. White, em **O Grande Conflito**, pág. 50: «A ordenança escriturística da Ceia do Senhor fora suplantada pelo idolátrico sacrifício da missa.»

Não é preciso muito conhecimento bíblico para se chegar à conclusão de que o conceito católico romano sobre a Ceia do Senhor é absurdo e até mesmo repugnante. Então, no momento da participação, come-se a carne do Senhor? Bebe-se o sangue de Jesus?

A Igreja Luterana concebe a Santa Ceia em termos de **consustanciação**, isto é: substância com substância. No momento em que o oficiante consagra os elementos, pão e vinho, estes não desaparecem para dar lugar a Cristo, não se transformam, apenas Cristo fica ao lado deles, juntamente com eles. Cristo não vai **além** do Seu ser para os elementos da ceia. Daí a consustanciação, isto é, substância com substância.

O grande Lutero, que muito fez para tirar o povo da ignorância religiosa do seu tempo e levá-lo à pura Palavra

de Deus, não progrediu muito nessa doutrina em relação à sua Igreja de origem, pois, defendendo a consustanciação, pouco se arredou da transustanciação. Zuínglio sustentava que o sacramento é um memorial da morte do Senhor e que a Sua presença é unicamente espiritual. Argumentou dizendo que, quando os habitantes de Cafarnaum, ouvindo o discurso de Cristo (João 6:35), interpretaram literalmente as Suas palavras e, disputando entre si, perguntavam: «Como nos pode este dar a Sua carne a comer?» (vers. 53-55), o Senhor desfez a má compreensão deles, esclarecendo: «O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita, as palavras que Eu vos disse são espírito e vida.» (V. 63.) Da mesma maneira, disse Zuínglio, devemos entender as palavras de Cristo ditas durante a ceia em relação ao pão e ao vinho, figuradamente e não literalmente.

Os argumentos expostos por Zuínglio, baseados em vários textos das Escrituras, foram tão convincentes que muitos dos ouvintes (inclusive o próprio Filipe de Hessem, antes da sua morte), rejeitaram o conceito luterano sobre a ceia, voltando-se para a luz mais clara da Palavra de Deus.

Calvino não esteve presente durante as conferências, permanecendo em Estrasburgo, mas, atento a tudo o que ali se passava. Ao saber das diferentes opiniões sobre a sagrada eucaristia, disputadas nas conferências de Masburgo, escreveu o «Pequeno Tratado Sobre a Santa Ceia de Nosso Senhor», para instrução dos seus paroquianos.

Calvino tinha um desejo intenso de que houvesse unidade entre os teólogos sobre esse importante assunto, mas tudo foi em vão. Há pequenas diferenças de pensamento entre Zuínglio e Calvino sobre a Santa Ceia, que não interessa tratar aqui.

Para nós, adventistas, a Santa Ceia é um memorial da morte do Senhor, pois Ele mesmo disse: «Fazei isto em memória de Mim» (Luc. 22:19). É uma ordenança divina, rica em sentido espiritual. Tem um significado histórico. Diz a serva do Senhor que assim como a Páscoa foi instituída para comemorar a libertação de Israel da servidão egípcia, a ordenança da Ceia do Senhor foi dada para comemorar a grande libertação operada em resultado da morte de Cristo. Ao participardos dela, somos ricamente abençoados e, se deixarmos de participar desse divino privilégio, sofremos prejuízo. (**O Desejado de Todas as Nações**, pág. 492). A Ceia do Senhor deverá ser celebrada até que Ele venha pela segunda vez, em poder e glória.

Para os remidos do Senhor, a Santa Ceia não é uma ocasião de tristeza, mas de gratidão, de perdão, de silêncio e meditação, e de amor fraternal. É uma ocasião de relembrarmos a Sua morte cruenta e avaliarmos o infinito custo da nossa redenção, uma ocasião de sentirmos a Sua presença, pois Ele mesmo nos assegurou: «Onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, aí estou Eu no meio deles.» (Mat. 18:20.)

É vulgar notarmos irmãos que não participam da Ceia, alegando algum pecado, ou rixas entre irmãos. Tal procedimento é errado. O que se deve fazer é confessar e deixar o pecado e não deixar de participar da Ceia. Não deixemos a comunhão por causa do ódio ou qualquer desavença entre irmãos; deixemos antes o ódio e as malquerenças, pois é uma ocasião oportuna para isso.

Na nossa Igreja existe o período preparatório, o lavapés, em que tudo deve ser ajustado, e, assim, com confiança nas misericórdias do Senhor e com o coração transbordando de amor, aproximemo-nos confiantemente da mesa, e, no dizer do apóstolo Paulo, «cada um coma deste pão e beba deste cálice», anunciando, assim, a morte do Senhor, até que venha.

breves notícias

★ A Missão Grega tem passado por sérias dificuldades nos últimos tempos. O seu presidente, o Pastor D. Visigalli, quando regressava a casa depois de ter assistido ao Conselho da União em Roma em Dezembro passado, foi impedido de entrar na Grécia. As autoridades gregas, que então alegaram «razões de interesse nacional», depois de várias diligências feitas, acabaram por conceder ao Pastor Visigalli um visto provisório, que se espera venha a ser transformado em autorização permanente. O Pastor Visigalli, que entretanto teve de ser hospitalizado e sofreu uma intervenção cirúrgica, já se encontra de novo no seu posto.

★ O ano de 1975 marcou uma data importante para o Seminário Adventista de Sagunto. O Governo espanhol reconheceu oficialmente aquela instituição que tem presentemente 103 alunos, dos quais 20 seguem cursos de teologia, preparando-se para o ministério.

★ No início do mês de Janeiro deste ano, foi assinado entre o Governo italiano e a nossa Obra um acordo que permite empregar os jovens adventistas na nossa organização, prestando serviço civil em substituição do serviço militar. Três jovens já começaram o seu serviço ao abrigo desse acordo.

★ A Federação Italiana pôde ver realizados ultimamente dois importantes projectos. Inaugurou-se uma igreja em Novembro último em Pompeia e abriu-se uma nova escola missionária em Nápoles, no mês de Outubro. A Escola de Florença regista este ano um número recorde de alunos matriculados: 109. Nos cursos de teologia registam-se 25 matrículas.

★ As obras do Espírito de Profecia estão a ter uma maior circulação na Europa. No fim do ano passado saiu do prelo em Hamburgo a versão alemã de «Actos dos Apóstolos» que completou a série «Conflito dos Séculos» publicada naquela língua. Uma versão de «O Lar Adventista» em malgaxe foi também publicada recentemente em Madagáscar, onde está igualmente planeada para breve uma edição do livro «Parábolas de Jesus».

★ O Centro do Livro Adventista de Arkansas-Louisiana (Estados Unidos) acaba de adquirir uma nova biblioteca móvel de 14 metros de comprimento, para uso dos membros da

do mundo adventista

quela Conferência. Existem agora pelo menos 20 bibliotecas móveis ao serviço dos membros de igreja em todo o mundo.

★ A sede da União Sul-Europeia em Roma conta presentemente com o serviço de três portugueses. Além do Pastor Juvenal Gomes, actual secretário-tesoureiro que antes ocupava idêntico cargo na União de Angola, trabalham ali as irmãs Maria Tereza Alexandre, ex-professora numa escola nossa em Moçambique, e Ana Maria Sabino, esta última dando a sua colaboração apenas por um período limitado, depois de ter trabalhado vários anos na tesouraria da União de Angola.

★ Os membros da Conferência da Islândia estabeleceram um novo recorde durante a última campanha, vendendo revistas numa média de 2600 escudos por membro. Os adventistas da Suécia conseguiram uma média de 1900 escudos durante a mesma campanha. Os obreiros e membros de alguns destes países do Norte da Europa obtêm uma autorização para solicitar fundos durante um período de tempo muito curto, devido aos regulamentos oficiais, e por isso são obrigados a fazer toda a campanha apenas em poucos dias. Apesar desta situação, em que cada dia e cada hora contam, os membros fizeram um trabalho excelente, o que revela que acreditam na missão da Igreja e dedicam o seu tempo e talentos de maneira a permitir o êxito das suas actividades.

★ Os estudantes do Colégio Adventista de Mountain View (Estados Unidos) contribuíram juntamente com os membros leigos para o baptismo de 898 pessoas de Janeiro a Outubro de 1975. Os esforços realizados a seguir a uma campanha recente levaram ao baptismo 717 novos membros. Durante o mês de Outubro, os estudantes e os leigos realizaram 19 cruzadas evangelísticas. O Pastor Zachary, director do Departamento de Bíblia naquele colégio, esperava que se ultrapassasse em 1975 o número de 1143 baptismos do ano anterior. Utilizam um curioso sistema de rádio para a evangelização. O colégio possui uma estação privativa e há aparelhos receptores especiais que só ouvem aquele programa. Estes aparelhos são distribuídos por várias casas das proximidades, com a condição de todos os vizinhos serem convidados para ouvir a mensagem.